

# ANÁLISE DA IDEOLOGIA EXISTENTE EM ALGUMAS FÁBULAS DE ESOPPO

Eivaldo Amâncio dos Santos<sup>1</sup>  
Ernani Alves Júnior<sup>2</sup>  
José Paulo Agostinho dos Santos<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo faz uma reflexão a respeito da relação existente entre língua e ideologia, permitindo uma compreensão da língua não só como elemento constitutivo da ideia de povo e nação, mas também depositária de valores do desenvolvimento desse povo e dessa nação. Ao se reconhecer como depositária de valores, a língua se expressa, de maneira análoga, como um valor historicamente determinado. O estudo desta desenrola-se mediante a análise de algumas crônicas de Esopo, no tocante à linguagem utilizada, pois nelas, há uma neutralização das relações entre as pessoas, transformando-as em fenômenos naturais. E a ideologia está na linguagem, isto é, na forma pela qual a cultura e o conhecimento se transcrevem, mesmo que seja numa fábula. O embasamento teórico foi baseado nos autores: ALTHUSSER, BRANDÃO, CALVET, FIORIN, LÖWY, MAINGUENEAU, ORLANDI, MISIK e PÊCHEUX.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ideologia, linguagem e fábula.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper it is reflecting on the connection between language and ideology, allowing a discerning of the language not only as a constitutive element of the people and nation idea, but also the depository of values the development of this people and this nation. When we recognize as the repository of values, the language is expressed in an analogous manner, as a historically determined importance. The study of this takes place in the course of the analysis of some chronic of Esop, concerning the language used, since in these cases, there is a breakthrough in relations between people, turning them into natural phenomenon. The ideology is in the language, that is, the way in which culture and knowledge are transcribed, even if it is a fable. The theoretical framework was based on the authors: ALTHUSSER, BRANDÃO, CALVET, FIORIN, LÖWY, MAINGUENEAU, ORLANDI, MISIK and PÊCHEUX.

**KEY WORDS:** Ideology, language, fable.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Letras da Universidade Tiradentes

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Letras da Universidade Tiradentes

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Letras da Universidade Tiradentes

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo refletir, mediante análise crítica, a ideologia que está inserida no contexto das fábulas de Esopo e com isso verificar como a língua é compreensível não somente como elemento constitutivo da ideia de um povo, mas também depositária de valores.

A escolha do gênero fábula deu-se por ser uma narrativa curta, alegórica, que apesar de ser escrita há muitos anos e segundo Pereira (2007), ainda encanta devido à atualidade dos temas trabalhados, além de se ter a possibilidade de reflexões críticas e da acentuada carga ideológica intrínseca nas narrativas.

As fábulas geralmente trabalham a ideia de constitutivas arroladas ao comportamento humano, como, por exemplo, a inveja, a preguiça, a competição, entre outros.

Com isso, a história, que sempre possui um final surpreendente, nos faz refletir sobre essas atitudes que, para nós, devem ser abandonadas e revistas por outros aspectos.

Toda fábula termina com um fundo moral, justamente para assinalar a seriedade de sempre valorizarmos nossos próprios valores, como amor, compaixão, lealdade, compreensão, honestidade, e muitos outros.

A fábula atinge seu objetivo comunicativo por ser muito bem estruturada em termos de coerência interna: "comunicar é agir sobre o outro, quando se comunica não se visa somente a que o receptor receba e compreenda a mensagem, mas também que a aceite" (PLATÃO, FIORIN, 2001, p. 284).

Ao se reconhecer a língua como depositária de valores, expressa-se, de maneira análoga, como um valor historicamente determinado. Daí porque se trata de

tarefa teórica identificar, na língua, e nas relações de poder que ela encerra, o lugar de re(produção) da ideologia dominante.

Inicialmente serão feitos estudos acerca dos conceitos de ideologia, dentro de uma temática voltada para produção textual, e posteriormente, a análise da fábula concomitantemente à forma ideológica que o autor a conduz.

## **2. IDEOLOGIA**

Todo discurso está veiculado a um grupo ou a uma instituição, pois o mesmo diz respeito ao coletivo. Segundo Pêcheux (1975) são as formações discursivas que, em uma formação ideológica determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de um costume dada em uma sociedade.

Numa formação social, têm-se dois níveis de realidade: um de essência e um de aparência, ou seja, um profundo e um superficial, um não-visível e um fenomênico.

Conforme Fiorin (2001) a ideologia é um conjunto de ideias, de representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é “falsa consciência”.

O autor enfatiza que é preciso explicitar bem esse ponto. Pois, se há inversão da realidade, a ideologia está contida no objeto, no social, não podendo, portanto,

ser reduzida à consciência. Ela existe independentemente da consciência dos agentes sociais. É uma forma fenomênica da realidade, que oculta as relações mais profundas e expressa-as de um modo invertido. A inversão da realidade é ideologia. Por isso, é preciso muito cuidado ao usar a expressão "falsa consciência". Ela indica apenas que as ideias dominantes são elaboradas a partir de formas fenomênicas da realidade, não apreendendo, portanto, as relações sociais mais profundas. Essas ideias são, por conseguinte, ideologia sobre ideologia. A representação pode ser invertida, porque a realidade se põe invertida.

A ideologia vai trabalhar como reprodutora das identidades de produção, isto é, o sujeito desaparecerá como sujeito ideológico, de maneira que cada sujeito interpelado pela ideologia procure ocupar o seu lugar em um grupo ou classe social de uma apontada formação social, acreditando estar desempenhando a sua livre vontade.

Por outro lado, as classes sociais mantêm e perpetuam a ideologia através do que Althusser (1974) denominou de AIE (Aparelhos Ideológicos do Estado). Assim, os AIE(s) *“colocam em jogo práticas associadas a lugares ou as relações de lugares que remetem à relação de classe.”*

Brandão (1991), diz que os discursos são governados por formações ideológicas. Por esse motivo, num determinado momento histórico e no interior dos aparelhos ideológicos, as relações de classe podem se caracterizar pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas que se instituem de forma a entrelaçar entre si relações de aliança, de incompatibilidade ou superioridade.

Entende o autor que, *“cada formação ideológica constitui um conjunto emaranhado de caracteres e de aspectos que não são nem ‘individuais’ nem*

*'universais', mas se incluem mais ou menos inteiramente a posições de classe em conflito umas em relação às outras."*

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. (FIORIN, 2001).

Alguns lingüistas e psicólogos julgam que existe um pensamento puro pré-lingüístico e, ao lado dele, a expressão lingüística que lhe serve de invólucro. Outros afirmam que é impossível pensar fora dos quadros da linguagem.

Assim, a reflexão sobre o conceito de ideologia é longa. Iniciou-se em 1801 com o lançamento de um livro chamado *Eléments d'Ideologie*, de Destutt de Tracy, mas ele concebia ideologia de uma forma muito diferente da atual: "... estudo científico das ideias e as ideias são o resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza no meio ambiente. É, portanto, um subcapítulo da zoologia..." (LÖWY, 1996). Mais tarde surge outro conceito trazido por Napoleão, em 1812, quando este estava a atacar Destutt de Tracy, e os chamou de ideólogos. Segundo Löwy: "... para Napoleão, essa palavra já tem um sentido diferente: os ideólogos são metafísicos, que fazem abstração da realidade, que vivem em um mundo especulativo".

## **Um paralelo entre ideologia e a sociolinguística**

Antes de iniciar a análise de qualquer texto quanto a sua ideologia, é importante que se façam algumas considerações e proposições relacionadas aos conceitos de ideologia e, ao mesmo tempo, fazendo-se uma abordagem sobre a importância da sociolinguística dentro da linguagem. Uma linguagem que caracteriza as suas formas de comunicação e que tem como instrumento de grande importância, a língua.

De acordo com Calvet (2007) há todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com as suas línguas, para as variedades da língua e para com aqueles que a utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento de comunicação.

Seguindo a linha de raciocínio do autor observa-se, por exemplo, que se pode amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo de pregar um prego, enquanto as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico. Em face da variação, têm-se atitudes de rejeição ou de aceitação que não têm, necessariamente, influência sobre o modo de falar dos falantes, mas que certamente têm influência sobre o modo com que percebem os discursos dos outros.

Para Calvet (2007) a ideia da *forma legítima* da língua se emerge e faz com que resulte em comportamentos que são, ao mesmo tempo, linguísticos e sociais, ou seja, há por trás deles relações de forças que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua. E quaisquer que sejam as formas estigmatizadas, rejeitadas, classificadas como ilegítimas (em nome de critérios de prestígio, de classes sociais, de anormalidade congênita etc.), elas

são por referência a uma forma tida como legítima. E esse modo de legitimidade será abordado conforme as ideias de Bourdieu.

Eis por que, então, o autor chega à seguinte conclusão:

Com efeito, tudo leva a pensar que o *mercado lingüístico* de Bourdieu é delimitado por ele pelas fronteiras do Estado, dentro das quais as práticas lingüísticas são confrontadas com práticas legítimas, ou, o que dá no mesmo, que ele é delimitado pela existência de uma língua legítima, a língua dominante (CALVET, 2007, p. 109).

Assim, ao se apresentar como um mercado lingüístico, a língua encerra *valor*, mensurado pondo-se em relação o uso de uma variedade (diga-se, uma variedade alta, usada com mais frequência pelas camadas privilegiadas) com outra variedade (diga-se, variedade baixa, usada com mais frequência pelas camadas estigmatizadas); não é de surpreender que, numa situação como essa, apareça o preconceito lingüístico, fenômeno sobre o qual muito se tem discutido. Muito, inclusive, se tem avançado sobre o tema.

Contudo, o preconceito lingüístico, ao se revelar como preconceito social, desvela uma multiplicidade de relações que só são possíveis de identificar a partir de um estudo mais criterioso sobre a formação cultural do Brasil.

Neste sentido analisaremos algumas fábulas de Esopo para mostrar ideologicamente uma idéia não somente de língua, mas de aspectos sociais que se relacionam com o processo lingüístico.

## **Análise de algumas Fábulas de Esopo**

### **Fábula I**

#### **A MOSCA**

“Uma mosca caiu numa panela de carne. Afogada no molho e já quase morrendo, ela disse para si mesma: “Se já comi, já bebi e já tomei um banho, que me importa morrer?”

“Suportamos a morte com mais facilidade quando a ela não associamos pensamentos tristes.”

Após a leitura do texto acima notou-se que o autor faz uso de uma ideia para amenizar uma situação difícil vivida pela personagem, no caso a mosca. É um tipo de linguagem formada mediante uma ideologia de que, o ser humano possa expressar seus pensamentos, sejam eles bons ou ruins, angústias ou felicidades. Ele interage em meio social, expressando-se de tal forma que possa passar uma mensagem que o seu receptor a decodificará de acordo com suas necessidades e ou capacidade.

A massificação dessa ideologia leva ao conformismo, a aceitação da condição ruim como inevitável e que devemos tirar proveito até do que é nocivo, uma vez que a luta para a mudança da condição imposta não é recomendável, e pode comprometer a ordem social, o que não é interessante para a classe dominante, que detém os meios de comunicação e influência as instituições educacionais.

Vejamos alguns desses aspectos:

Com a mundialização e a era da informação, com as revoluções tecnológicas, industrial, e organizacional, as riquezas aumentam, como o bem-estar geral, embora o abismo seja cada vez mais fundo entre ganhadores e perdedores, no cassino mundial do capitalismo (Misik, 2006, p.17).



## **Fábula II**

### **O JARDINEIRO E O CÃO**

“Um jardineiro desceu ao fundo de um poço para tirar seu cão que caíra lá dentro. Pensando que seu dono descera para enterrá-lo ainda mais, o cão voltou-se contra ele e mordeu-o.”

“O jardineiro saiu do poço lamentando sua dor: “Bem empregado. Quem mandou eu querer tirar do aperto quem lá se meteu voluntariamente?”

Neste caso o autor revela na sua fala um momento, também angustiante para quem o conduz, pois a ajuda do proprietário do cachorro não fora bem-vinda. É comum numa sociedade em que é grande o número de pessoas desfavorecidas economicamente, surgirem ajudas humanitárias, entretanto, tais ajudas podem ser mal interpretadas. Nota-se que apesar de se viver num país onde se fala a mesma língua, há ainda, dificuldades na transmissão de ideias por causa do prestígio exibido de acordo com a condição social de cada indivíduo.

O que podemos ver nesta fábula é que se difunde a ideia de que a solidariedade não é recomendável e bem vinda dependendo da situação, massificando o ideal de individualismo, e de que se um indivíduo está em uma ruim é devido a escolhas pessoais e conseqüências destas escolhas. Mascarando os determinantes sociais e inibindo a busca por mudanças estruturais e por redes sociais de apoio, o que poderia comprometer a ordem de produção principalmente a capitalista.

### **Fábula III**

#### **A GATA E AFRODITE**

“Uma gata que se apaixonara por um fino rapaz pediu a Afrodite para transformá-la em mulher. Comovida por tal paixão, a deusa transformou o animal numa bela jovem. O rapaz a viu, apaixonou-se por ela e a desposou. Para ver se a gata havia se transformado completamente em mulher, Afrodite colocou um camundongo no quarto nupcial. Esquecendo onde estava, a bela criatura foi logo saltando do leito e pôs-se a correr atrás do ratinho para comê-lo. Indignada, a deusa fê-la voltar ao que era”.

*“O perverso pode mudar de aparência, mas não de hábitos.”*

No tocante à fábula acima, observa-se que o autor utilizou-se de um pretexto para mudar o rumo de um pensamento através de uma mudança no comportamento do ser humano. Aproximou a personagem de uma nova realidade, porém não houve condições de fazer com que esta mudasse ideologicamente, pois a formação ideológica do indivíduo deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social.

O mais perverso desta fábula está em explicar como inato o comportamento e a estratificação social, a propagação desta ideia justifica as sociedades divididas em castas, assim como a desigualdade social. Havendo o favorecimento de alguns indivíduos devido a origem que ele tem. Levando ao conformismo e a não busca por isonomia.

## **Fábula IV**

### **A CIGARRA E A FORMIGA**

"Tendo a cigarra cantado durante o verão, Apavorou-se com o frio da próxima estação. Sem mosca ou verme para se alimentar, Com fome, foi ver a formiga, sua vizinha, pedindo-lhe alguns grãos para aguentar até vir uma época mais quentinha! - "Eu lhe pagarei", disse ela, - "Antes do verão, palavra de animal, Os juro e também o capital." A formiga não gosta de emprestar, É esse um de seus defeitos. "O que você fazia no calor de outrora?" Perguntou-lhe ela com certa esperteza. - "Noite e dia, eu cantava no meu posto, Sem querer dar-lhe desgosto." - "Você cantava? Que beleza! Pois, então, dance agora!"

Vemos uma apologia ao trabalho tradicional, isso é o trabalho manual e exaustivo, desvirtualizando as atividades artísticas, e associando a arte algo que não propicia a subsistência. Transmitindo a ideia que apenas o trabalho sacrificante é valoroso e garante o sustento nos períodos da adversidade.

Tal pensamento reflete a segunda metade do sec. XVIII, quando houve o desenvolvimento da produção industrial, onde um mesmo produto poderia ser reproduzido várias vezes. Assim, havendo uma quebra significativa da arte.

Além disso divulga a ideia de avaresa e falta de solidariedade com quem está em situação de risco social. Hoje já vemos nesta fábula outras versões mais solidárias e que valorize as atividades artísticas, graças as mudanças da sociedade.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término da pesquisa com estudos realizados acerca de conceitos relacionados à ideologia, referências sobre a sociolinguística, concomitantemente à análise de quatro fábulas das obras de Esopo (a fábula *A Cigarra e a Formiga* foi atribuída a Esopo e recontada por La Fontaine, assim é a presente em nosso trabalho), pôde-se concluir que, a aprendizagem linguística, que é a aprendizagem de um discurso, cria uma *consciência verbal*, que une cada indivíduo aos membros de seu grupo social. Por isso, a aprendizagem linguística está estreitamente vinculada à produção de uma identidade ideológica, que é o papel que o indivíduo exerce no interior de uma formação social, ou seja, na medida em que o homem é suporte de formações discursivas, não fala, mas é representado por um discurso.

A linguagem é, ao mesmo tempo, autônoma em relação às formações sociais e determinada por fatores ideológicos. Por isso, o linguista deve distinguir níveis e dimensões em que existe relativa autonomia e níveis e dimensões que sofrem coerções ideológicas.

A determinação ideológica revela-se, em toda sua plenitude, no componente semântico do discurso. As formações ideológicas presentes numa dada formação social determinam formações discursivas. Estas materializam aquelas. Estabelecem um conjunto de temas e de figuras com que o "indivíduo" fala do mundo exterior e interior.

As coerções ideológicas constituem, assim, um elemento pré-semântico que determina o componente semântico. O linguista que vê a linguagem como um fenômeno totalmente autônomo em relação às formações sociais apega-se a um formalismo que não percebe a razão última dos significados discursivos. O estudioso

da linguagem que só se preocupa em tomar os significados e relacioná-los com este ou aquele aspecto da realidade social, sem considerar a relativa autonomia da linguagem, aferra-se a um ideologismo, que desconhece as especificidades do fenômeno a ser analisado. Os estudos linguísticos devem fugir de duas ilusões: a total autonomia da linguagem e sua redução à ideologia.

Portanto, Detectar a ideologia é importante porque ela naturaliza as relações entre as pessoas, transformando-as em fenômenos naturais, que sempre acontecem ou que sempre aconteceram e continuarão a acontecer.

Assim precisamos disseminar a necessidade de leitura crítica de textos que pareçam inofensivos, pois podem estar difundido idéias de conformismo e de apoio as desigualdades sociais.

#### 4. REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. (1974) **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. São Paulo: Martins Fontes.

BRANDÃO, H. H. N. (1991). **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. São Paulo: Parábola, 2007.

Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/de/arquivos/327-4.pdf>

ESOPO. **Fábulas**. Rio Grande do Sul, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

LÖWY, Michael. **Ideologia e ciências sociais: elementos para uma análise marxista**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MAINGUENEAU, D. (1989). **Novas Tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes

MISIK, Robert. **Marx para apressados**. - Brasília: Edições Alva, 2006.

ORLANDI, E. (1988). **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez.

PÊCHEUX, M. (1990). **Análise Automática do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp.

PEREIRA, S. C. B.; HILA, C. V. D. **Novos olhares para o gênero fábula: uma proposta de sequência didática para as 5º séries**. PDE: 2007.